

Citação da obra:

Pato, M.L. (2021) Turismo no Espaço Rural em Portugal – uma análise quantitativa da oferta e da procura. In Antonneta Carvalho de Oliveira, Cidades, Colecionismo e Museus 2. Capítulo 9, pp. 80-87, Editora Atena, Curitiba, Brasil.

Turismo no Espaço Rural em Portugal – Uma análise quantitativa da oferta e da procura

Lúcia Pato

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior Agrária, Unidade de Investigação CERNAS e GOVCOOP
mljesus@esav.ipv.pt

Resumo

Nascido na década de oitenta em Portugal, o turismo no espaço rural (TER) tem vindo gradualmente a afirmar-se no país, quer pelo lado da oferta quer pelo lado da procura. O produto turístico pode constituir-se como complemento ou alternativa a outros produtos turísticos, particularmente o produto de Sol e Mar. Encontra-se disseminado por todo o país, mas é nas regiões interiores e periféricas, que o seu desenvolvimento carece ser particularmente promovido, contribuindo-se assim para atenuar as assimetrias em termos de desenvolvimento turístico. Apesar de alguns efeitos sentidos, as repercussões que têm induzido nos territórios rurais são ainda muito ténues, o que indicia a necessidade de uma política mais adequada às necessidades e características dos diferentes territórios rurais.

Palavras-Chave: Turismo no Espaço Rural, Portugal, Oferta, Procura

INTRODUÇÃO

Desde a década de oitenta, têm sido apontados novos instrumentos e formas de desenvolvimento das áreas rurais. Entre essas novas formas de desenvolvimento sublinham-se as atividades de turismo e lazer, por vezes como complemento à atividade agrícola ou às atividades económicas dos meios rurais.

Por outro lado, o turismo rural tem sido impulsionado pela nova procura turística, sobretudo urbana, que tende a procurar experiências novas, singulares e autênticas. Esta nova procura associa frequentemente o rural a espaço de consumo e não de produção (Figueiredo, 2011), aliás como também muitas vezes transmitido pela comunicação social e pelas redes sociais.

À luz desta nova procura e numa tentativa de diversificação do turismo nacional, o governo português decidiu criar na década de oitenta, especificamente em 1986, o Turismo no Espaço Rural (TER). Efetivamente o produto turístico foi definido como “*a atividade de interesse para o turismo, com natureza familiar, que consiste na prestação de hospedagem em casas que*

servam simultaneamente de residência aos seus donos” ou representantes (DL n.º. 256/86, de 27 agosto), podendo integrar a forma de Turismo de Habitação (TH), Turismo Rural (TR) ou Agroturismo (AG).

Com apenas estas três modalidades e pouco mais de uma centena e meia de casas aquando da criação do produto turístico (Pato, 2012), o TER tem vindo gradualmente a afirmar-se no país, pelo menos por via do número de empreendimentos turísticos, contabilizando-se em 2011 um milhar de empreendimentos (Pato, 2012) e em 2017 cerca de 1400 empreendimentos de TER/TH (INE, 2018). A acompanhar a oferta em termos de empreendimentos, a procura tem também aumentado, sendo que o número de dormidas nos empreendimentos de TER/TH passou de pouco mais de 50000 dormidas aquando da criação do produto turístico (Pato, 2012), a cerca de 1,7 milhões em 2017 (INE, 2018).

Com base nos dados fornecidos pelo Turismo de Portugal (TP) e através de análises descritivas, o objetivo deste trabalho são o de analisar as tendências de desenvolvimento quantitativo do TER e TH em Portugal do lado da oferta e da procura e refletir sobre as ténues repercussões da atividade turística.

METODOLOGIA

Numa primeira fase procedemos à análise da literatura sobre o produto turístico em apreço e as suas repercussões nos territórios rurais. Posteriormente, numa segunda fase, com base nas estatísticas fornecidas pelo Turismo de Portugal acerca do produto turístico, recorreu-se a análises descritivas simples com o intuito de explorar regiões e modalidades de mais e menos oferta/procura turística do produto em apreço.

No entanto é de referir que uma vez que a partir de 2012 os dados passaram a ser recolhidos pelo Instituto Nacional de estatística (INE), não nos sendo possível fazer comparação com dados anteriores a esse ano, sendo este o motivo pelo qual o último ano em análise é 2011.

RESULTADOS

A EVOLUÇÃO QUANTITATIVA DA OFERTA TER E DO TH EM PORTUGAL

Os primeiros dados estatísticos acerca do TER remontam a 1984¹, sendo que nesse ano foram contabilizadas 103 casas de TH e passados dois anos quando se dá o enquadramento legal da atividade esse número ascendia já a 154 unidades (Figura 1). A partir desse ano, o número de empreendimentos de TER e TH tem aumentado, contabilizando-se em 2011 cerca de um milhar

¹ Ano em que surgiram as primeiras estatísticas da Direção Geral de Turismo.

desses empreendimentos. Conforme a Fig. 1 os maiores aumentos deram-se entre 1991 e 1992 e 2001 e 2002, com um aumento positivo de 181 empreendimentos em cada um dos períodos considerados.

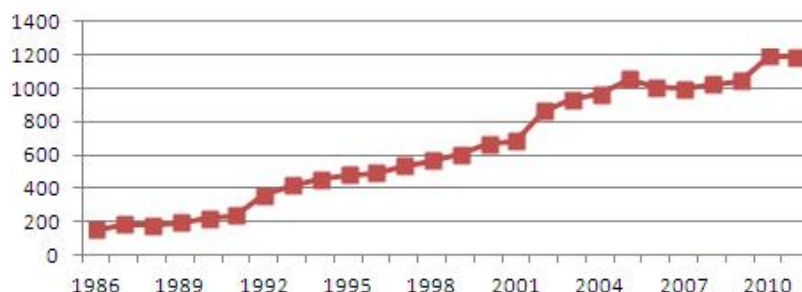


Figura 1 – Evolução da oferta do TER e TH (1986-2011)

Fonte: Pato, 2012 & TP, 2013

Entre 2004 e 2011 o crescimento da oferta do número de empreendimentos de TER e TH é aliás superior à Hotelaria Tradicional (HT) em 18%. Embora ainda com um peso minoritário no país, este tipo de oferta adapta-se bem a algumas regiões, das quais se salientam as mais rurais, mas também mais ricas em recursos baseados nas próprias comunidades rurais e no respetivo património histórico, cultural e patrimonial.

Distribuição da oferta do TER e do TH (2007-2011)

Centrando a análise na distribuição de empreendimentos por regiões (NUTS), o Norte seguido do Centro são as duas regiões com maior número de empreendimentos (Fig. 2). A maior distribuição de empreendimentos no Norte de Portugal não será certamente alheia ao facto da associação de turismo rural mais antiga e com mais notoriedade do país (TURIHAB) estar sediada nesta região. Por outro lado, ambas as regiões possuem potencialidades únicas para a promoção deste tipo de turismo, o que pode também ter estimulado muitas pessoas a aderirem à atividade.

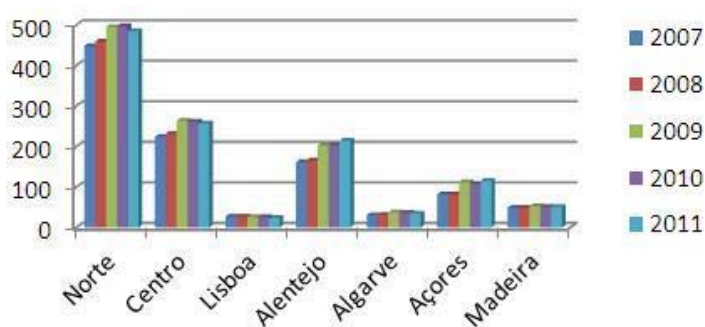


Figura 2 – Oferta no TER e TH por região (2007-2011)

Na região Norte destaca-se desde logo a presença do rio Douro, a paisagem do Alto Douro Vinhateiro, o parque nacional Peneda Gerês, o património arqueológico de Foz Côa, a riqueza da região em termos gastronómicos e vinhos (exemplo do vinho do Porto). Na região Centro, destaca-se igualmente a paisagem, o Parque Natural da Serra da Estrela e a riqueza em termos de gastronomia e vinho (por exemplo o vinho do Dão).

Em ordem inversa em termos do número de empreendimentos, afigura-se Lisboa e o Algarve, regiões onde a hotelaria tradicional aliada ao produto *city breaks* (em Lisboa) e “turismo de sol e mar” (no Algarve) tem um peso manifestamente preponderante (TP, 2007).

No que diz respeito à distribuição por tipo de empreendimentos no quinquénio em análise, observa-se que a modalidade CC é a mais popular em termos do número de empreendimentos, seguida do TH (Fig. 3).

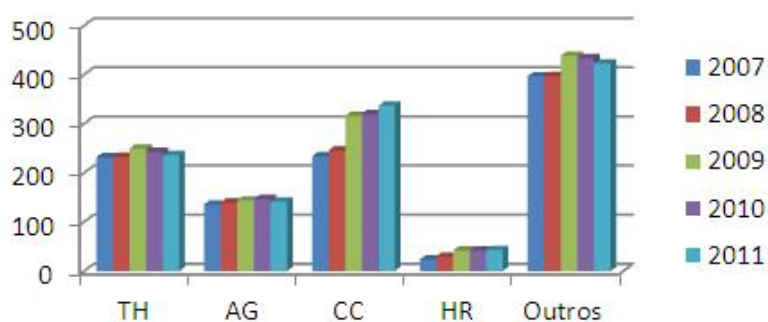


Figura 3 – Oferta no TER e TH por modalidade (2007-2011)

Nota: “Outros” inclui as modalidades TR e turismo de aldeia (TA) que ainda não se reconverteram.

Fonte: TP, 2013

Uma vez que as CC são menos exigentes em termos da qualidade dos edifícios e do seu recheio, a maior representatividade da modalidade poderá indiciar o acesso à atividade por parte das famílias rurais portuguesas menos abastadas economicamente. Por outro lado, o peso que o TH continua ainda a possuir enquanto modalidade de alojamento originalmente integrada no TER, indicia que (devido às exigências em termos da qualidade dos edifícios e do seu recheio), muitos dos seus promotores continuam certamente a pertencer a famílias com recursos patrimoniais. Na análise efetuada vale a pena ainda observar que o AG, embora ainda que de forma modesta, tem vindo a perder popularidade. Sendo esta modalidade aquela que mais de perto se relaciona com a atividade agrícola, apraz-nos perguntar qual tem vindo a ser o papel da agricultura e das respetivas atividades agrícolas no desenvolvimento do produto turístico?

A EVOLUÇÃO QUANTITATIVA DA PROCURA DO TER E DO TH EM PORTUGAL

A procura pelo TER e do TH ao longo deste quarto de século teve uma evolução igualmente considerável.

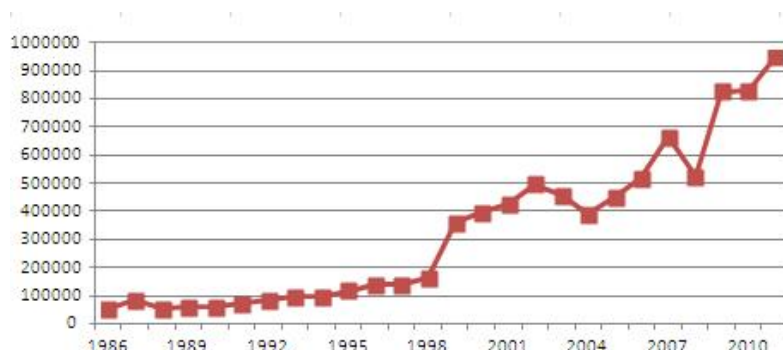


Figura 4 – Evolução das dormidas no TER e TH (1986-2011)

Fonte: Pato, 2012 & TP, 2013

Em 1986 quando se deu o enquadramento legal da atividade o número de dormidas ascendia já a 53126, sendo que daí até agora o número de dormidas neste tipo de empreendimentos não parou de crescer. Em 2011 contabilizaram-se cerca de 948700 dormidas nestes empreendimentos (Figura 4).

Sublinha-se que o grande aumento de dormidas nestes empreendimentos verifica-se a partir de 1998² e particularmente nos últimos três anos em análise. Esta grande procura deve-se provavelmente à consciência cada vez maior dos benefícios deste tipo de atividade em relação a outros tipos de turismo. Por outro lado, os recentes atentados terroristas que tem deixado um rasto de morte um pouco por todo o mundo e que podem afastar as pessoas de locais habitualmente mais procurados, poderão ajudar a explicar este interesse crescente pelo TER e TH.

Distribuição da procura do TER e do TH (2007-2011)

Centrando agora a análise de dormidas por região, verifica-se que o Norte e o Alentejo são as duas regiões com maior número de dormidas no TER e TH (Fig. 5). Este dado não será certamente alheio ao facto de ambas as regiões possuírem enormes potencialidades para o *touring* cultural e paisagístico e para a gastronomia e vinhos (TP, 2007).

² Não obstante a quebra verificada em alguns anos, particularmente em 2004 e 2008.

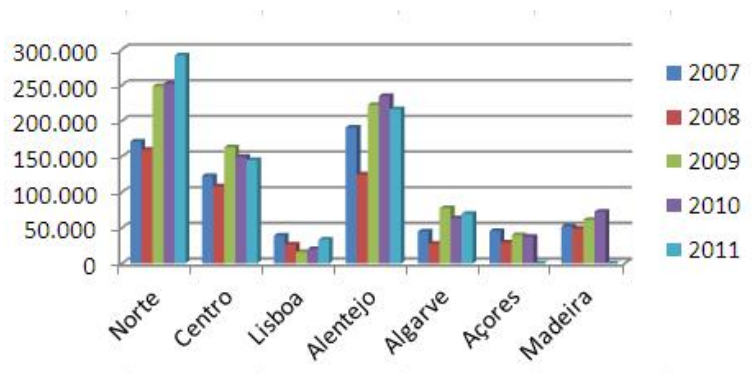


Figura 5 – Evolução das dormidas no TER e TH por região (2007-2011)

Fonte: TP, 2013

Ao mesmo tempo, o facto de ambas as regiões possuírem estruturas profissionais³ de apoio à dinamização da oferta turística e bem assim de apoio à promoção e comercialização dessa oferta, poderá explicar a maior procura pelo turismo rural.

Em termos da procura no quinquénio 2007-2011, verifica-se que as dormidas nas CC prevalecem, logo seguidas das dormidas nos HR. Observa-se também que a modalidade de AG, no global, é a menos procurada pelos turistas (Fig. 6).



Figura 6 – Evolução das dormidas no TER e TH por modalidade (2007-2011)

Nota: “Outros” inclui as modalidades TR e turismo de aldeia (TA) que ainda não se reconverteram

Fonte: TP, 2013

Apesar disto, as taxas de ocupação-cama continuam ainda a ser relativamente baixas no TER e no TH, situando-se em 2011 nos 17,1% (TP, 2013).

CONCLUSÃO

A análise quantitativa dos dados evidencia o crescimento quer da oferta quer da procura do TER e TH. Pelas suas potencialidades, há no entanto determinadas regiões onde essa oferta e

³ Especificamente, a TURIHAB E A CENTER que estão localizadas no Norte, e a associação Casas Brancas sediada no Alentejo.

consequentemente a procura é mais evidente. O Norte e o Centro em termos de oferta de empreendimentos e o Norte e o Alentejo em termos da procura. Se o produto turístico se revela como extremamente importante para determinadas regiões, sobretudo as mais rurais e mais interiores, sob o nosso ponto de vista poderia ser mais enfatizado nas estratégias de desenvolvimento nacional de Turismo. Com efeito o produto turístico só de forma muito ténue foi referido no Plano Nacional de Turismo, parecendo aliás integrar outros produtos turísticos. Por outro lado, as repercussões que a oferta e a procura têm gerado nos próprios territórios são ainda muito ténues (Pato, 2012), o que mais uma vez indicia a necessidade de políticas mais adequadas às necessidades e características dos diferentes territórios.

Bibliografia

- Figueiredo, E. (2011). Um rural cheio de futuros? In E. Figueiredo (Ed.), *Rural Plural* (pp. 13-19). Castro Verde: 100Luz.
- Pato, L. (2012). *Dinâmicas do turismo rural - impactos em termos de desenvolvimento rural*. PhD thesis, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- TP. (2007). *Plano Estratégico Nacional para o Turismo*. Lisboa: TP.
- TP. (2013). *Anuário das Estatísticas de Turismo 2012*. Lisboa: TP.